

PROJETO ARQUITETÔNICO CULTURAL
MEMORIAL - CASAS SUBTERRÂNEAS DE SÃO JOSÉ DO CERRITO



introdução

As casas subterrâneas e seus habitantes

Os índios Kaingang e Xokleng formam as maiores populações sobreviventes dos considerados Jê Meridionais. Os Kaingang se apresentam como um dos maiores grupos indígenas do Brasil, com mais de 25 mil indivíduos, ao passo que os Xokleng contam número mais reduzido, na ordem de poucos milhares. Os linguistas calculam que os ancestrais desses índios se teriam desprendido do tronco localizado nos cerrados do Brasil Central a cerca de 3 mil anos atrás, penetrando nos campos de altitude do planalto meridional. Com base em referências escritas, os historiadores reconstroem sua trajetória colonial e imperial chegando aos tempos sub atuais. Os antropólogos buscam entender a sociedade, o modo de vida e a transformação dessas populações. Com isso, ficava a descoberto o longo período de sua história: da chegada dos primeiros até o momento em que seus descendentes foram percebidos e registrados pelo colonizador. Cobrir esses três milênios de instalação, adaptação continuada, manejo ambiental e criação de uma paisagem humanizada com suas características é a tarefa dos arqueólogos, por meio do estudo de seus antigos assentamentos.

PROJETO ARQUITETÔNICO CULTURAL
MEMORIAL - CASAS SUBTERRÂNEAS DE SÃO JOSÉ DO CERRITO

OBJETIVO GERAL

- Construir um memorial das casas subterrâneas Habitadas *pelos* índios Kaingang e Xokleng formam as maiores populações sobreviventes dos considerados Jê Meridionais. Os Kaingang se apresentam como um dos maiores grupos indígenas do Brasil

Composição do projeto

Formato

- O formato deste projeto visa contemplar o município de São José Do Cerrito c/ a construção de 3 replicas das casas subterrâneas.

Que possam ser utilizadas em todo seu potencial Histórico em benefício do turismo.

Composição.

Casa 01 - Recepção ao turistas e venda de artesanato local.

Casa 02 - Espaço cultural para aulas e atividades culturais' Etc.

Casa 03 - Cenário com esculturas em tamanho real dos Habitantes.

Tuneis de ligação entre as casas

Pátio com esculturas em tamanho real mostrando as atividades da civilização indígena.

PROJETO ARQUITETÔNICO CULTURAL
MEMORIAL - CASAS SUBTERRÂNEAS DE SÃO JOSÉ DO CERRITO



OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Resgatar e preservar a historia índios Kaingang e Xokleng formam as maiores populações sobreviventes dos considerados Jê Meridionais. Os Kaingang se apresentam como um dos maiores grupos indígenas do Brasil que marcaram a história da região do Sul e no Brasil.
- Promover a integração da cultura com o turismo através de um monumento que também será um ponto turístico e comercial.
- Oportunizar aos artesãos, produtores de artes e de alimentos da cultura regional e produzidos artesanalmente, um local para a comercialização de suas obras e seus produtos.
- Destacar no local destinado aos visitantes a historia evidenciada na composição escultural.
- Projetar, uma das casas, uma sala de aulas para visitas agendadas de professores e turmas de alunos.
- Restaurar e preservar a história do município

PROJETO ARQUITETÔNICO CULTURAL
MEMORIAL - CASAS SUBTERRÂNEAS DE SÃO JOSÉ DO CERRITO

- Desperta na serra catarinense o potencial turístico em torno da preservação dos nossos sítios arqueológicos.

- Resgatar história

- Criar renda alternativa através do artesanato (Venda a firmação profissional)

- Incentivar o desenvolvimento intelectual dos jovens através das pesquisas.

- Agregar crescimento turístico ao município.

Atrair turista do Brasil e exterior.

BREVE HISTÓRICO SOBRE AS CASAS SUBTERRÂNEAS

Rincão dos Albinos

107 Casas subterrâneas, acampamentos repetidos junto a um bosque de pinheiros Rincão dos Albinos (ver Figura 2-A) é uma comunidade sobre o caminho que vai a Curitiba e que dista aproximadamente 18 km da sede municipal de São José do Cerrito. Ali, junto à nascente de pequeno tributário da margem esquerda do rio Canoas, em altitude de 950 m, ambiente de campos de altura e floresta mista com araucária, encontra se o maior sítio conhecido de casas subterrâneas: 107 casas e 10 pequenos montículos. As estruturas estão concentradas em um espaço de menos de 300 m de diâmetro, em ambas as margens de um minúsculo fluxo de água, nascido de um pequeno banhado de altura: 39 casas estão na margem direita, 68 casas e 10 montículos na margem esquerda. Um pouco afastados do conjunto das casas, em posição levemente mais elevada, junto ao ponto em que o terreno cai abruptamente, existem mais alguns terraços aplanados, pouco evidentes; por isso, não estudados (SCHMITZ et al., 2013b). Raul Viana Novasco (2013) cartografou o ambiente. As casas são pequenas, muito próximas umas das outras e muitas se sobrepõem; 49 têm diâmetros de 4 m ou menos, 37 entre 5 e 5,5 m; 21 entre 6 e 8 m. A profundidade antes da escavação não passava de 0,60 a 1,10 m. Os dez aterros da margem esquerda do fluxo de água têm entre 2,5 e 5 m de tamanho, alturas menores que 1 m e se apresentam como sobras de terra da construção das casas; não foram testados. As

PROJETO ARQUITETÔNICO CULTURAL
MEMORIAL - CASAS SUBTERRÂNEAS DE SÃO JOSÉ DO CERRITO

chamadas casas se comporiam da reduzida depressão, da qual resultou pequeno aterro lateral e de uma leve cobertura feita com ramos, taquaras finas e palha, cujos restos queimados são vistos no entulho das casas. O sítio foi estudado pela equipe do IAP em 2011 e 2012, com intervenções em dez casas e com 21 cortes de 1 m² no seu entorno. A estratigrafia das casas mostra uma fina camada escura sobre o piso, ou várias finas camadas escuras, até cinco, separadas por camadas mais claras, e indicam, no primeiro caso, uma; no segundo, mais ocupações. Nessas camadas, costumam aparecer objetos líticos que podem estar arrumados como estruturas de fogueiras, alguma vez cobrindo um espaço considerável do piso, outras vezes apenas objetos dispersos. São os indicadores da ocupação, que nunca parece ter sido efetiva, longa e constante. A vida não se restringia ao apertado espaço da casa, que serviria de abrigo noturno, refúgio contra chuva, frio e animais, além de guarda de instrumentos ou alimentos, mas se expandia para o entorno, onde existem camadas escuras mais espessas, com armações de pedra para o fogo e delimitações de espaços de atividade. A imagem resultante é claramente de sucessivos acampamentos. Para conhecer o ritmo da ocupação, tanto das duas margens do fluxo de água como das casas em particular, foram realizadas 14 datas de C14, que aqui ordenamos por idade e margem. Começando pela margem direita do fluxo de água. Janela 14: 630 anos d.C.; Casa 14:

630 anos d.C.; Casa 17: 630 anos d.C.; Janela 3: 700 anos d.C.; Casa 25: 760 anos d.C.; Janela 8: 840 anos d.C.; Casa 2: 870 anos d.C. (ver Tabela 2, no Apêndice B). Pela margem esquerda: Casa 14: 600 anos d.C.; Casa 27: 620 anos d.C.; Casa 26, na sequência das camadas: 660 anos d.C.; 640 anos d.C.; 680 anos d.C.; 690 anos d.C.; Casa 4: 1120 anos d.C. (ver Tabela 2, no Apêndice B). As ocupações se dão em tempos parecidos nas duas margens a partir do século VII e se estendem por muitas gerações. Existem casas ocupadas até cinco vezes, como a casa 26, da qual datamos as quatro primeiras camadas; o carvão da última, com alguns fragmentos cerâmicos, não oferecia garantia. 16 Cadernos do CEOM, Chapecó.

PROJETO ARQUITETÔNICO CULTURAL
MEMORIAL - CASAS SUBTERRÂNEAS DE SÃO JOSÉ DO CERRITO

JUSTIFICATIVA

A valorização da cultura regional através de um Monumento com ícones desta civilização desta época importante, de afirmação e apropriação da identidade cultural do povo do sul do Brasil, é de um valor imensurável e meritórias de terem suas histórias projetadas através do *Memorial das casa subterrâneas*.

·
Numa belíssima iniciativa, município de São José do Cerrito este, o memorial propiciará a integração de cultura, educação e turismo e comércio de produtos artesanais.

Na cultura, além da preservação da memória destes ícones da historia da cultura e artesanato. Para as novas gerações, o monumento despertara em crianças e jovens a vontade de conhecer mais sobre a história e as tradições de seu lugar e região.

Na educação, a inclusão do ensino histórico-cultural através de sala de aula para esse fim, com aulas agendadas para visitaçãõ de turmas de alunos e professores.

No turismo, o monumento será um ponto de visitaçãõ permanente e o memoria oportunizará espaço para o comercio de produtos artesanais, lembranças.

Deputado estadual
Marcius Machado